

VISITA

Estou para viajar para fora, e então me dá vontade de revêr a gente, e os morros e as águas de minha terra. Vou passar o fim de semana em Cachoeiro; quando o avião dá uma volta para descer, um amigo me aponta lá em baixo o rio sêco, exibindo ao sol um impressionante esqueleto de pedras. Há alguns anos chove demasiado pouco no sul do Espírito Santo e nas divisas de Minas; o Itapemirim mingua a olhos vistos, e muitas nascentes secaram. Milharais estragados e pastos pardos dão uma idéia da tristeza da lavoura e da criação. Todos os amigos que abraço me perguntam logo — “já viu como está o rio?”

Dou uma volta de automóvel pelas pontes; sim, o Itapemirim está sumido, mesquinho, ultrajado na sua força e na sua beleza. Certamente os amigos exageraram um pouco; para mim, que conheço os largos rios do Nordeste, que secam de verdade de margem a margem, o Itapemirim ainda é, graças a Deus, um rio; o meu córrego do Amarelo, bem ou mal, ainda flui; o Muquy ainda é um ribeirão em cuja boca há robalos... Mas já avançamos para o meio de março, estamos, como dizia Bilac, “ao findar das chuvas, quase à entrada do outono” — e as chuvas ainda não vieram. O cachoeirense pragueja, lamenta-se, fala da devastação das matas — e não faz nada, porque não há nada a fazer, e se houver alguma coisa será de âmbito estadual ou federal. Como a água nas torneiras ainda é abundante, eu passo a manhã fazendo alguma coisa que está dentro de minha alçada: regando as plantas dos dois canteiros e do velho caramanchão de minha casa. Os tinhorões agradecem brilhando com tôdas as suas côres, comovidos.

Antes de sair do governo (onde fez — todo mundo aqui o repete, e êste caso que vamos citar é típico — ótima administração e péssima política) antes de sair do governo, mas já depois das eleições, o governador Jones dos Santos Neves ligou Cachoeiro e Marataises pela complementação da estrada particular de Paineiras. O resultado é que em 45 minutos trocamos êste fórnio, êste fundo de panela que é o centro de Cachoeiro pela fresca deliciosa da praia beijada pelo nordeste.

Marataises, que ficava a duas e meia, três horas de Cachoeiro, virou agora, para nós, uma espécie de Leblon, e muita gente já se deixa ficar morando aqui e vai e volta diariamente à cidade em automóvel ou ônibus. Mas não devo esconder: a minha velha querida praia perdeu muitos de seus encantos. Está povoada demais, e aos domingos parece barca de Paquetá; o dique é feio; o clube, atrás da igreja, é feio. Vem gente um pouco de toda parte do Espírito Santo, de Minas, do Estado do Rio, a praia perdeu aquêlo sossêgo fidalgo cachoeirense. E' o que me diz, na porta de sua casa, o coronel Ricardo Gonçalves que êste mês faz 80 anos (telegrafe para êle, Sérgio Buarque de Holanda, você e êle fundaram juntos o Clube do Conhaque de Alcatrão!) e continua uma excelente prosa, satírico mas bem humorado. Saímos ao mar e apoitamos das 5 às 9 da manhã; reconheço bem, com encanto e emoção, a linha dessa costa, o cheiro dessa água e desse vento; Viana mata uma bela pescada e eu não mato nada, eu e todos os outros puxamos apenas uma fauna mesquinha e vil: siri, baiacu, aranha do mar, maria-arraújo, arraia. Um amigo me conta que o linguado, tão querido em Paris ou no Rio, aqui é peixe que se pega e se joga fora com desprezo, e nem linguado se chama: é maria sapeba... E essa conversa mole, essa conversa longa e mole, conversa de canôa, me embala discretamente o coração.

8/3/55

R. B.

245